

## Mulheres Negras: diálogos sobre a trajetória de mulheres negras ligadas ao “Círculo de Leituras Negritadas” de Castanhal com o feminismo/mulherismo<sup>1</sup>

*Mujeres Negras: diálogos sobre la trayectoria de mujeres negras vinculada al "Círculo Negro de Lectura" de Castanhal con el feminismo/mujerismo*

*Black Women: dialogues about the trajectory of black women linked to Castanhal's "Black Reading Circle" with feminism/ womanism*

Luciane de Sena Camões

**Resumo:** Este trabalho é fruto de minhas inquietações quanto à trajetória das mulheres negras atuantes no Círculo de Leituras Negritadas, na cidade de Castanhal-PA. Para isso, buscamos contribuições dos estudos feministas, mulherismo, ativismos e afrocentralidade. A pesquisa baseia-se em uma análise qualitativa de dados, obtida através de uma entrevista online com uma das lideranças e um questionário *online*, encaminhado via *WhatsApp* e respondido por cinco mulheres integrantes do grupo. A partir da análise de dados, foi possível perceber que o círculo de leituras tem realizado ações de protagonismo, dialogando sobre textos de autoria de intelectuais negras, de modo a visibilizar também os escritos de mulheres negras paraenses, possibilitando que vozes subalternizadas sejam evidenciadas e contribuindo para construir redes, seja pela memória, pela ancestralidade ou pelas suas trajetórias de luta e resistência.

**Palavras Chave:** História das mulheres. Feminismos. Mulherismo. Afrocentralidade. Círculo de leituras negritadas.

**Resumen:** Este trabajo es el resultado de mi preocupación por la trayectoria de las mujeres negras activas en el Círculo de Leituras Negritadas, en la ciudad de Castanhal-PA. Para ello, se buscaron aportaciones desde los estudios feministas, el mujerismo, el activismo y la afrocentralidad. La investigación se basa en un análisis cualitativo de los datos obtenidos a través de una entrevista en línea con una de las líderes y un cuestionario en línea enviado a través de WhatsApp y respondido por cinco mujeres que son miembros del grupo. A partir del análisis de los datos, fue posible constatar que el círculo de lectura ha realizado acciones protagónicas, dialogando sobre textos escritos por intelectuales negras, con el fin de visibilizar también las escrituras de las mujeres negras de Pará, permitiendo destacar las voces subalternas y contribuyendo a la construcción de redes, ya sea a través de la memoria, de la ancestralidad o de sus trayectorias de lucha y resistencia.

**Palabras Claves:** Historia de las mujeres. Feminismos. Womanismo. Afrocentrismo. Círculo de lectura negro.

**Abstract:** This work is the result of my concerns about the trajectory of black women active in the Círculo de Leituras Negritadas, in the city of Castanhal-PA. To this end, we sought contributions from feminist studies, womanism, activism and Afrocentrism. The research is based on a qualitative analysis of data obtained through an online interview with one of the leaders and an online questionnaire, sent via WhatsApp and answered by five women who are members of the group. From the data analysis, it was possible to see that the reading circle has carried out protagonist actions, dialoguing about texts written by black intellectuals, in order to also make the writings of black women from Pará visible, enabling subaltern voices to be highlighted and contributing to building networks, whether through memory, ancestry or their trajectories of struggle and resistance.

**Keywords:** Women's history. Feminisms. Womanism. Afrocentrality. Circle of black readings.

<sup>1</sup> Este trabalho realizado como requisito final para a conclusão da especialização em Análise das Teorias de Gênero e Feminismos na América Latina, /GPEM/UFPA, orientado pela professora doutora Lucia Isabel Silva. Agradeço às/ aos pareceristas no processo de apresentação final do artigo.

Luciane de Sena Camões – Mestre pelo Programa Interdisciplinar de Pós-graduação em Estudos Antrópicos da Amazônia - PPGEEA/UFPA, Linha de Pesquisa: Linguagens, Tecnologias e Saberes culturais. E-mail: [lucycamoes@hotmail.com](mailto:lucycamoes@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO.

O trabalho em questão é fruto de minhas inquietações quanto às ações realizadas pelo Círculo de Leituras Negritadas na cidade de Castanhal-PA, onde busco evidenciar as trajetórias das mulheres ligadas ao grupo. O interesse pelo grupo, que neste trabalho é evidenciado também como coletivo, uma vez que está associado à construção de redes (MIGLIORIN 2002/2012), nasce a partir de uma postagem realizada no *Instagram*<sup>2</sup>, no primeiro semestre de 2022, uma publicação-convite de um encontro promovido pelo círculo de leituras. Uma ação muito importante, uma vez que no município de Castanhal-PA existem poucos grupos de leituras que realizam diálogos sobre diferentes intelectuais, porém o Círculo de Leituras Negritadas é o único que dialoga exclusivamente sobre escritos de intelectuais negras.

Apesar da sociedade ter passado por mudanças estruturais ao longo dos séculos, a escrita de mulheres continua sendo ocultada. Independente da relevância dos seus escritos, eles demoram muito mais tempo para chegar a um público significativo, especialmente quando se trata de mulheres negras, pois a escrita continua sendo colonizada.

A coleção “Primeiros Passos” organizada por Djamila Ribeiro, tem alcançado espaços acadêmicos e não acadêmicos, contribuindo para visibilizar e dar protagonismo às obras de escritoras/es negras/os.

Nesse sentido, Grada Kilomba realiza uma reflexão sobre a obra de Spivak “Pode o subalterno falar?”, citando em um trecho que o sujeito oprimido citado por Spivak não pode falar “porque as estruturas de opressão não permitem que essas vozes sejam escutadas, tampouco proporciona um espaço para articulação das mesmas” (KILOMBA 2019: 47). Essa dificuldade de falar está ligada ao regime repressivo do colonialismo e do racismo, por isso, esse processo se torna mais dolorido para mulheres negras.

Diante dessas questões, vimos a necessidade de contribuirmos de forma simbólica para que mulheres tenham seu lugar de fala respeitados. Sendo assim, este trabalho se propõe a evidenciar uma dessas experiências, analisando quem são as mulheres que participam do Círculo de Leituras Negritadas e que ações estão sendo realizadas no grupo, enquanto coletivo. Os relatos serão evidenciados e norteados pelos diálogos ligados à história das mulheres, gênero, ativismo negro, feminismos, afrocentralidade, mulherismo africana e outros que venham contribuir com o trabalho.

A pesquisa foi norteadada pela abordagem qualitativa, na qual, segundo Chizzotti (2003), há um convívio denso com o objeto da pesquisa, facilitando a análise dos dados. A interpretação das fontes foi possível a partir da análise das informações obtidas através de um questionário.

As entrevistas foram realizadas via questionário (formulário) elaborado pelo *Google formulários*. O questionário foi dividido em duas partes, iniciando com perguntas pessoais sobre as interlocutoras como: nome, idade, escolaridade, atuação profissional e se tem filhos(as). Na segunda parte, há questões sobre a participação das mulheres no Círculo de Leituras.

Sendo assim, o trabalho está dividido em três seções: a primeira é intitulada “Reescrita da história das mulheres: do ocultamento à valorização de suas experiências”, onde é construído um diálogo sobre o silenciamento e invisibilidade das mulheres na escrita, evidenciando os perigos de uma história única e os debates sobre a reescrita da história, e que tem impulsionado ações para que as escritoras sejam evidenciadas.

<sup>2</sup> *Instagram* é uma rede social interativa direcionada a postagem de vídeos, fotos e outros recursos.

A segunda seção é intitulada “Diálogos sobre feminismos, a teoria mulherista e a construção de resistências”, onde é realizado um diálogo sobre o(s) feminino(s), a afrocentralidade, o mulherismo africano, os coletivos de mulheres e suas formas de resistência.

Já na terceira seção, intitulada “Construindo resistências: mulheres negras insurgentes e a construção do Círculo de Leituras Negritadas”, são evidenciadas as ações do Círculo de Leituras Negritadas, assim como o perfil das mulheres atuantes e os objetivos do grupo, finalizando este trabalho com nossas considerações sobre a experiência do coletivo e sobre o trabalho de análise realizado.

## **1. Reescrita da História das Mulheres: do ocultamento à valorização de suas experiências**

Na atualidade, os escritos sobre história das mulheres vêm ganhando cada vez mais atenção no campo acadêmico, social e cultural. Durante séculos, as mulheres foram levadas a assumirem um lugar de subalternidade, o que contribuiu para ocultação de suas ações de lutas e resistências enquanto sujeitas históricas. Vale ressaltar que, ao longo dos séculos, inúmeros estigmas sobre o feminino foram construídos e fortalecidos, onde as mulheres não apareciam como protagonistas de nada, sendo representadas como mulheres sem história e sem passado, havendo um grande silêncio em torno delas. Esse silenciamento é bem mais excludente quando falamos de mulheres negras, devido as marcas das opressões sofridas desde o processo de colonização.

Nesse sentido, Perrot (2017) afirma que

A história das mulheres mudou. Em seus objetivos, em seus pontos de vistas, partiu de uma história do corpo e dos papéis desempenhados na vida privada para chegar a uma história das mulheres no espaço público da cidade, do trabalho, da política, da guerra, da criação. Partiu de uma história das mulheres vítimas para chegar a uma história das mulheres ativas, nas múltiplas interações que provocam a mudança. Partiu de uma história das mulheres para tornar-se mais especificamente uma história do gênero, que insiste nas relações entre os sexos e integra a masculinidade. (PERROT, 2017: 16)

Diante do exposto, compreendemos que a história das mulheres partiu de uma visão estigmatizada do feminino, do ser mulher, construída a partir de estereótipos de gênero e as lutas travadas contra opressão, para uma história que parte da produção das diferenças, através dos marcadores de gênero, raça e classe. Sendo, assim, uma história que vem sendo construída e pautada na resistência dos movimentos feministas, dos movimentos de mulheres e do movimento negro<sup>3</sup>, buscando evidenciar a diversidade de experiências de luta e resistência intensificadas ao longo dos séculos, na busca por autorreconhecimento, autoafirmação e autoidentificação. Nessa história de luta e também de desconstrução de estereótipos, os escritos que se propõem a discutir sobre as pedagogias decoloniais, gênero, feminismos, mulherismo e ativismos, ganham destaque pela relevância da problematização e discussão sobre a história das mulheres.

Dito isso, no Brasil, mais especificamente na segunda metade do século XX, historiadoras e historiadores iniciam um diálogo mais denso sobre a reescrita da história, dando visibilidade às histó-

<sup>3</sup> “Entende-se como Movimento Negro as mais diversas formas de organização e articulação das negras e dos negros politicamente posicionados nas lutas contra o racismo e que visam à superação desse perverso fenômeno na sociedade” (GOMES 2017: 23).

rias construídas a partir de outros olhares e novas fontes históricas, como as histórias vistas de baixo. Assim, os diálogos travados sobre a reescrita da história contribuíram para que uma outra face da história “oficial” fosse evidenciada, oportunizando dar voz e visibilidade também ao feminino.

Dessa forma, Adichie (2019) cita os perigos de uma história única, a partir de uma palestra realizada sobre a temática no *TED Talk* em 2009<sup>4</sup>. “A história única cria estereótipos e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história” (ADICHIE, 2019: 26), deixando de analisar outras fontes e lançar novos olhares sobre os sujeitos da/na história. Esta possibilidade de escrever novas histórias partindo de diferentes ângulos atraiu a atenção de várias pessoas. Segundo Sharpe (1992),

[...] atraiu de imediato aqueles historiadores ansiosos por ampliar os limites de sua disciplina, abrir novas áreas de pesquisa e, acima de tudo, explorar as experiências históricas daqueles homens e mulheres, cuja a existência é tão frequentemente ignorada, tacitamente aceita ou mencionada apenas de passagem na principal corrente da história. (SHARPE, 1992: 41)

Diante disso, compreendemos que reescrever a história, partindo de novas fontes, possibilitou, por exemplo, ao estado da Bahia uma nova visão em torno do seu processo de luta pela independência, pois mulheres como Maria Quitéria e Maria Felipa tornaram-se protagonistas dessa história. Vale ressaltar que Maria Felipa, uma mulher negra, marisqueira, foi invisibilizada tanto nos livros didáticos, quanto nas comemorações de 2 de julho<sup>5</sup> (FARIAS, 2010). Foram 187 anos de silêncio e de muitas lutas para tentar recuperar a memória dessa mulher negra, que ganhou *status* de heroína.

Diante disso, no livro “Pode o subalterno falar?”, de Spivak (2010), a mulher é percebida como “Outro”, como um sujeito oprimido e sem voz, sendo tarefa do intelectual pós-colonial criar espaços para que ela possa falar e ser ouvida. No caso das mulheres negras, construir espaços de fala é um processo mais doloroso de luta e resistência, visto que, ao longo da história, muitas mulheres não tiveram a oportunidade de erguer suas vozes e sua intelectualidade ficou sujeita ao “Outro” (homem branco), no caso de mulheres negra, esse “Outro” está relacionado às mulheres brancas. “Fazer a transição do silêncio a fala é, para o oprimido, o colonizado, o explorado, e para aqueles que se levantam e lutam lado a lado, um gesto de desafio que cura, que possibilita uma vida nova e um novo crescimento” (HOOKS, 2019: 38-39). É um ato empoderador.

Portanto, a possibilidade de pensar a história erudita a partir de novos olhares pode ser vista como um ato de resistência contra a colonialidade do saber, do poder e do ser, pois a escrita pode tornar-se um ato político de resistência. Baseado nisto, Kilomba (2019), pondera que “escrever é um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe as posições coloniais tornando-se a/o escritora/escritor ‘validada/o’ e ‘legitimada/o e, ao reinventar a si mesma/o nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada” (KILOMBA, 2019: 28).

Assim, a descolonização da escrita exige uma luta de resistência contra as diversas formas de opressão. Apesar de termos atravessado séculos de lutas por protagonismo, acesso aos espaços públicos e a igualdade de direitos, ainda vivemos sob o domínio do medo, do desconhecido. Sendo assim, aprender o(s) feminismo(s) torna-se algo muito necessário, um ato de subversão. Vale ressal-

<sup>4</sup>Mini conferência do TED GLOBAL 2009 (transcrição de Érica Barbosa). Vídeo disponível em: <[https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story?language=pt-br#t-12181](https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br#t-12181)>. Acesso: 02/10/2010.

<sup>5</sup>“Os baianos lutaram entre 1821 e 1823, no mar, no Rio Paraguaçu, em Salvador [...] a concretização da Independência do Brasil ocorreu com a expulsão da esquerda portuguesa [...] no dia 02 de julho de 1823” (FARIAS, 2010: 60).

tar que, nesse processo de luta, mulheres pretas buscam também nas teorias mulheristas uma busca de sua ancestralidade e fortalecimento dos seus vínculos com a cultura africana.

Contudo, é preciso ressaltar que os diversos diálogos voltados à construção de resistência, sejam eles ligados às teorias mulheristas, aos diferentes tipos de feminismos e ao ativismo, com certeza são primordiais para nos fortalecer enquanto mulheres, na luta contra a opressão e em prol de nossos direitos de mulheres.

## 2. Diálogos sobre Feminismos, a Teoria Mulherista e a Construção de Resistências

Os estudos feministas têm contribuído para a efetivação de diálogos e embates teóricos em torno das pautas ligadas ao feminino, sendo muito necessário na luta contra as diversas formas de opressão. Os diálogos feministas contribuíram para que as mulheres construíssem resistências e se fortalecessem, porém, não são os únicos movimentos teóricos que vêm contribuindo para isso.

Neste trabalho, resalto a importância de outros movimentos de resistências como as teorias mulheristas africanas, as quais são citadas por algumas das integrantes do Círculo de Leituras. Na seção anterior, foi possível perceber que a história das mulheres no Brasil foi marcada por um longo período de luta contra o patriarcado<sup>6</sup> e suas diversas formas de opressão. É perceptível que os diálogos voltados ao fortalecimento e resistência das mulheres tiveram um peso importante para a mudança na estrutura social, tendo grande responsabilidade no processo de fortalecimento das mulheres nos diferentes setores da sociedade.

Nesse contexto, as mulheres dos séculos passados viveram na “clandestinidade”, prisioneiras “de uma visão eurocêntrica e universalizante” (CARNEIRO, 2003: 118) sobre o feminino, aprisionadas por um olhar estigmatizante sobre a representação do “ser mulher”. Assim, independente do gênero, as mulheres possuem suas subjetividades e por isso não deveriam ser visualizadas como iguais. “Temos um mundo cheio de mulheres que não conseguem respirar livremente porque estão condicionadas demais a assumir formas que agradem aos outros” (ADICHIE, 2017: 49).

Diante disso, fica o questionamento sobre as representações estereotipadas do feminino, onde mulheres estavam condicionadas a seguirem como coadjuvantes, a estarem fadadas ao “papel” de esposas e filhas, nunca de protagonistas ou sujeitas ativas e participativas. Mas essa passividade não fazia parte da trajetória de grande parte das mulheres negras, as quais, assim como os homens negros, foram perversamente escravizadas, violentadas e oprimidas.

Essas são as marcas do patriarcado, onde as relações de subordinação ao feminino são construídas a partir das relações de poder. “As teorias do patriarcado tem dirigido atenção à subordinação das mulheres e encontrado a explicação dessa subordinação na ‘necessidade’ masculina de dominar as mulheres” (SCOTT, 1995: 77). A subordinação feminina é uma questão estrutural que precisa ser desconstruída.

Diante disso, vê-se a relevância de construir grupos voltados para o fortalecimento dos diálogos sobre as mulheres, os diferentes tipos de feminismos e outras resistências, uma vez que ainda há um longo caminho de luta para a conquista da equidade, da liberdade, dentre outras questões necessárias para o protagonismo feminino.

<sup>6</sup> O patriarcado pode ser entendido como uma estrutura de subordinação e dominação, onde os homens estão na condição de poder (SAFFIOTTI, 1987).

Com isso, compreendemos que os diálogos feministas se tornam cada vez mais necessários, de modo a desconstruirmos os estigmas sobre a categoria feminismo(s), uma vez que este termo costuma ser evidenciado por quem está de fora como um movimento anti-homem. Mas o movimento feminista não objetiva a junção de mulheres contra os homens, e sim a união das mulheres “para proteger nossos interesses de mulher” (HOOKS, 2018, p. 35), onde homens também podem ser parceiros de luta, se tiverem o interesse de se juntarem em prol das causas femininas e feministas.

Vale ressaltar que a teoria mulherista africana valoriza as mulheres que vieram antes, como fonte de potência para homens e mulheres, por isso é um retorno à ancestralidade africana. Além disso, nessa teoria, homens e mulheres possuem objetivos em comum na luta antirracista.

Como diz Djamilá Ribeiro (2017), é justa a luta por representação, porém, é importante que grupos privilegiados consigam enxergar as hierarquias da sociedade e tenham a possibilidade de construir posicionamentos antimachistas, antissexistas, antirracistas e anticlassistas. “Assim, entendemos que todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estamos falando de localização social. E, a partir disso, é possível debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade” (RIBEIRO, 2017: 88).

Diante do exposto, falar sobre feminismo(s) torna-se cada vez mais necessário, uma vez que essas discussões têm contribuído para construção de ações de enfrentamento, de modo que as mulheres possam falar e construir lugares de fala, sem que suas vozes sejam silenciadas ou interrompidas. Falamos feminismo(s), no plural, para evidenciar que o movimento feminista não pode ser visto como homogêneo, uma vez que existem diferentes vertentes do pensamento feminista, ou seja, diferentes categorias de feminismos.

Diante do exposto, neste trabalho, ressaltamos a relevância do feminismo negro interseccional, uma vez que estamos discutindo sobre as ações de um coletivo de mulheres negras, e que leem intelectuais negras. Visto que o feminismo negro consegue abarcar uma multiplicidade de sujeitos dentro de suas diferenças, e as formas de opressão vivenciadas.

[...] no feminismo negro brasileiro, a perspectiva de gênero é uma variável teórica que não pode ser dissociada de outros eixos de opressão, uma vez que, em sociedades multirraciais, pluriculturais e racistas, como o Brasil, o racismo determina a própria hierarquia do gênero. (FERNANDES, 2016: 705)

Dessa forma, o pensamento feminista negro tem contribuído para reflexão sobre gênero, a partir de um olhar interseccional. Porém, Oyèwùmí (2021) ressalta a importância de refletir e problematizar sobre as teorias feministas hegemônicas que preconizam a ideia de que a categoria gênero é universal, totalizante e atemporal. No caso dos povos iorubás, a categoria gênero não existia antes do contato com o Ocidente, por isso a categoria gênero ocidental pode se tornar alienígena para muitas culturas africanas. “[...] mesmo quando a pesquisa africana procura validar a especificidade da experiência africana, ela o faz dentro dos quadros das categorias de conhecimento derivadas da Europa” (OYÈWÙMÍ, 2021: 23).

Essas são questões que demonstram a influência do pensamento europeu nas diferentes culturas, inclusive na africana. Para lidar com as categorias de gênero, conhecê-las, analisá-las, é preciso, antes de tudo, torná-las visíveis, como coloca Oyèwùmí (2021). Ainda embasada nesta autora, é importante voltar nossos diálogos para as questões ligadas à raça. A categoria gênero ocidental

pode se tornar alienígena para muitas culturas africanas, caso não pense o gênero articulado à raça e classe (OYÉWÙMÍ, 2020).

Partindo desta reflexão, Felipe (1999), pondera que

Trabalhar na perspectiva das relações de gênero significa rejeitar quaisquer explicações essencialistas, que se pretende imutáveis e universais. No entanto, é preciso reconhecer a dificuldade de se romper com essa visão, especialmente quando se trata de discutir aspectos ligados a masculinidade e feminilidade. (FELIPE, 1999: 169)

É importante compreender que gênero não pode ser pensado de modo universalizante, uma vez que os sujeitos estão inseridos em contextos diversificados, por isso, ao dialogarmos sobre essa categoria, é importante pensar nos marcadores sociais de raça, classe, geração, religião, dentre outros.

Nesse sentido, nota-se a importância de discutirmos gênero a partir de um olhar interseccional. Segundo Crenshaw (2002), a interseccionalidade tem sido muito importante nos estudos sobre feminismo negro, contribuindo para compreensão dos artifícios utilizados pelo racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios para criar desigualdades. “[...] O projeto feminista negro, desde sua fundação, trabalha o marcador racial para superar estereótipos de gênero, privilégios de classe e cis-heteronormatividades articuladas em nível global” (AKOTIRENE, 2019: 22). Dessa maneira, o movimento feminista negro compreende os sujeitos de forma plural, a partir de marcadores de diferenças e percebendo as relações de opressões realizadas nos diversos contextos.

Nesse contexto, a ativista negra bell hooks<sup>7</sup>, em seu livro *O feminismo é pra todo mundo*, fala do feminismo construído a partir das relações de solidariedade e irmandade, ressaltando essa categoria como uma luta contra a opressão sexista, a qual, segundo ela, “é a base de todas as opressões” (HOOKS, 2018). O feminismo negro abarca uma pluralidade de sujeitos e subjetividades, onde homens e mulheres são bem vindos, desde que possuam objetivos em comum na luta contra as opressões.

Embora bell hooks compreenda que os homens enfrentem o racismo, ela ressalta que eles “não enfrentam os preconceitos de gênero” (HOOKS, 1995: 475). Então, se eles e elas estiverem dispostos/as a contribuir, podem ser parceiros/as na luta, assim como as mulheres não-negras. “Não é preciso ser mulher negra para compreender como um ativismo intelectual capaz de produzir novos conhecimentos e transformar a consciência pode estimular uma política de empoderamento” (COLLINS, 2019: 13), é importante ter no mínimo consciência de classe.

Assim, o feminismo negro constrói suas teias de conexões, tecendo redes de solidariedade na luta contra as opressões. Os diálogos feministas, especialmente os ligados ao feminismo negro, têm contribuído para que mulheres se acolham dentro dos feminismos e lutem de forma coletiva contra o patriarcado. Hooks (2018) cita que, antes de tentar mudar o patriarcado, é necessário tomar consciência de como a dominação masculina e o sexismo são expressos cotidianamente. hooks, ao discutir sobre o pensamento feminista moderno nos Estados Unidos, destaca que o mesmo afirma que “todas as mulheres são oprimidas”, ou seja, esta categoria não consegue perceber a diversidade

<sup>7</sup> O nome de bell hooks está escrito em letras minúscula porque era/é assim que a ativista Glória Jean Watkins se apresentava.

de de experiências de opressão que as mulheres sofrem com base em fatores como raça e classe. “O sexismo, como sistema de dominação, é institucionalizado, mas nunca determinou de forma absoluta o destino de todas as mulheres nesta sociedade” (HOOKS, 2015: 197), uma vez que essas experiências são diversificadas.

Sendo assim, torna-se necessário aprofundar os estudos voltados para o ativismo negro, uma vez que os coletivos de mulheres negras buscam se unir, ou melhor, se irmanar para lutar por seus interesses enquanto mulheres negras. Interesses que se distanciam do feminismo não negro. “A formação de uma teoria e uma práxis feministas libertadoras é de responsabilidade coletiva, uma responsabilidade que deve ser compartilhada” (HOOKS, 2015: 208).

Nesse sentido, é de fundamental importância falarmos também sobre a afrocentralidade. Apesar das teorias feministas terem contribuído para que mulheres lutem por independência e autonomia, “para as mulheres de cor, essa autonomia não pode ser alcançada em condições de opressão racial e genocídio cultural” (HUDSON-WEEMS, 2018: 2). Questões levantadas pelas teorias mulheristas e que são muito importantes neste estudo, uma vez que estamos dialogando sobre mulheres que buscam, através de um coletivo de leituras, se aproximar de sua ancestralidade e fortalecer suas identidades negras. A afrocentralidade está “ligada intimamente ao pan-africanismo, ela se constitui na tessitura das ligações entre continente e diáspora ao protagonizar essa resistência” (FINCH III & NASCIMENTO, 2009: 38).

O pensamento afrocentrado diaspórico é crucial para compreensão dos estudos que enfatizam a resistência negra, uma vez que “a teoria afrocêntrica admite e exalta a possibilidade do debate entre os conhecimentos construídos com base em diversas perspectivas, em boa fé e com respeito mútuo, sem pretensão à hegemonia” (NASCIMENTO, 2009: 30). O mulherismo africano, também conhecido como teoria de “Womanist Africana”, de Clenora Hudson-Weems, é uma teoria afrocêntrica que define a experiência da mulher africana como única. As mulheristas priorizam o fator raça como um pré-requisito para lidar com as questões de gênero.

Isso não quer dizer que questões de gênero não sejam importantes, pois as questões de gênero são preocupações reais para todas as mulheres, inclusive mulheres africanas, pois ainda estamos operando dentro de um sistema patriarcal e, portanto, devemos confrontar essa questão de frente. No entanto, atacar os preconceitos de gênero não se traduz em obrigar a identificação ou a dependência do feminismo como o único meio viável de abordagem. (HUDSON-WEEMS, 2018: 2)

Portanto, o Mulherismo Africano não tem como prioridade discutir especificamente questões de gênero, seus diálogos são voltados primeiramente para questão de raça e classe e, só depois, o gênero, pois, ainda que haja uma diferença de gênero, as mulheres pretas se aproximam muito mais de homens pretos do que da mulher branca. Essa teoria vem sendo dialogada pelas mulheres do Círculo de Leituras Negritadas.

Analisa criticamente as limitações da teoria feminista e ajuda a explicar, de forma abrangente, as ideias e ativismo de algumas mulheres africanas que contribuíram para a teoria womanist (mulherista) de diferentes perspectivas ideológicas (DOVE, 1998: 4).

Katiúscia Ribeiro dialoga sobre o Mulherismo Africana no portal *Geledés*<sup>8</sup> ressaltando a principal diferença entre o feminismo negro e o mulherismo africana.

o feminismo negro tem uma luta de gênero. O mulherismo africana tem uma luta de raça. De restabelecer toda uma emancipação da população negra a partir da perspectiva racial, uma vez que a violência sobre os corpos das mulheres e homens negros é uma realidade. (RIBEIRO, 2021)

É importante citar que, tanto no feminismo negro como no mulherismo africana, as mulheres vêm se fortalecendo e construindo formas de resistência contra o racismo, o sexismo e as diversas formas de opressão. Não podemos negar como os feminismos têm sido importantes para as mulheres, porém devemos refletir que, mesmo no feminismo negro, mulheres pretas não conseguem ser ouvidas.

O termo "mulher" e, por extensão, "mulherismo", é muito mais apropriado do que o termo "feminino" (feminismo), já que somente uma mulher da raça humana pode ser uma mulher. "Feminino", por outro lado, pode se referir a um membro do reino animal ou vegetal, bem como a um membro da raça humana. (HUDSON-WEEMS, 2018: 5)

Porém, nos últimos anos, vários coletivos e grupos de discussão vêm sendo construídos e fortalecidos em meio às lutas feministas. Diante do crescimento desses coletivos, é necessário estarmos atentas às relações de poder e opressão sexistas existentes dentro dos mesmos, já que “não deve haver ‘feminismo como poder’, se a noção de poder suscitada for poder adquirido através da exploração e opressão de outras pessoas” (HOOKS, 2018: 23).

Na atualidade, esses grupos de resistência são identificados como coletivos, que é justamente o espaço de “ajuntamento”, onde as pautas de reivindicações são construídas e os embates são travados. O coletivo é a formação de “um bloco de interesses, afetos, diálogos, experiências aos quais certo número de pessoas adere, reafirmando e transformando esse mesmo bloco” (MIGLIORIN, 2002/2012: 2).

Nesse sentido, os coletivos são espaços de trocas de afeto e vivências, onde experiências comuns são dialogadas e problematizadas. São nesses espaços que as redes de conexões se fortalecem.

O coletivo é um ponto na rede e, também, ele próprio uma rede. Na construção de redes, acentradas, entre múltiplos atores em um espaço ilimitado, os coletivos aparecem como centros de concentração de ideias, pessoas, criação, forças de onde novas conexões podem sair para compor outras redes. (MIGLIORIN, 2002/2012: 8)

Os coletivos aparecem como um importante local de discussão sobre as diversas formas de opressão. O crescimento desses coletivos no Pará tem contribuído para que diferentes sujeitos se encontrem nesses diálogos e se aproximem dos feminismos ou outras teorias de resistência. É o que discutiremos na próxima seção, onde será realizado um diálogo sobre o “Círculo de Leituras Negrita-

<sup>8</sup> Katiúscia Ribeiro explica o ‘mulherismo africana’: ‘Proposta emancipadora’. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/katiuscia-ribeiro-explica-o-mulherismo-africana-proposta-emancipadora/>

das”, que é um coletivo de mulheres negras que se juntam para se fortalecer e construir conhecimento de forma coletiva, dialogando sobre escritoras negras.

### 3. Construindo Resistências: mulheres negras insurgentes e a construção do círculo de leituras negritadas

Quando uma mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela. (DAVIS, Angela)

Iniciamos esta seção com uma frase da ativista negra Angela Davis, que traduz a ideia de resistência, construída no interior dos coletivos de mulheres negras. Quando uma mulher constrói estratégias de fortalecimento coletivo, ela, de certa forma, contribui para que outras mulheres construam resistências. A frase de Davis tem grande peso para o movimento ativista negro, e evidencia os objetivos de criação do Círculo de Leituras Negritadas, que é um projeto de fortalecimento de mulheres negras em Castanhal-PA.

Em uma postagem na página do *Instagram* do coletivo Círculo de Leituras Negritadas, no dia de 15 de julho de 2022, em comemoração ao primeiro ano de existência do grupo, é citado que o coletivo tem como objetivo “criar um espaço seguro onde mulheres pretas e não-brancas podem compartilhar experiências e debater sobre leituras, filmes, séries e artes produzidos por autoras(es) negras(os)”. É muito interessante pensar na ideia de autoidentificação e autoafirmação que o coletivo vem construindo. O coletivo busca dialogar sobre as diferentes formas de artes de autoria de mulheres e homens negros.

Mulheres negras foram e ainda são alvo de preconceito, discriminação, racismo, sendo subjogadas, vistas como mulher objeto, “um corpo sem mente” (HOOKS, 1995: 469), como não-intelectuais. “Nossas vozes, graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido: ou então representadas por pessoas brancas que ironicamente, tornam-se ‘especialistas’ em nossa cultura, e mesmo em nós” (KILOMBA, 2019: 51).

Essa questão me lembra muito dos escritos de Lélia Gonzales em sua crítica à colonialidade e à superioridade cultural ocidental, a qual tinha o racismo como seu princípio organizador. “A obra de Lélia Gonzalez se inscreve no campo da filosofia e da história política com forte influência da abordagem afrocentrista que percebe os africanos e sua diáspora como sujeitos e agentes de sua própria história” (SANTOS, 2020: 60).

Lélia Gonzalez foi uma mulher diaspórica “fora do lugar destinado à mulher negra nas sociedades americanas (ou *amefricanas*) de passado escravista [...] Lélia não apenas rompeu com esse lugar, mas lutou para que as mulheres negras fizessem o mesmo” (GONZALES; RATTIS & RIOS, 2010: 145). Lélia foi semente dialogando sobre o movimento negro, resistências sociais, a crítica ao eurocentrismo e outras questões relevantes especialmente os ligados a mulher negra, “seu pensamento e ação política nos guiaram para algo que muitas ativistas e feministas negras tenham colocado no debate público contemporâneo: o lugar emancipatório da mulher” (GONZALES, 2020 [1979]: 20).

Lélia e outras lideranças do movimento negro foram responsáveis por incentivar a união das mulheres na luta para a construção de resistências. Entre as suas pautas de reivindicação, estava a urgência em descolonizar o conhecimento.

<sup>9</sup> Trecho retirado do *Instagram* do Círculo de Leituras Negritadas. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CgC3T8tOYE1/>

O termo *resistência* está relacionado às relações de poder. Para Foucault (1988), não há poder sem resistência. Mesmo no interior dos grupos ou coletivos, há diversidade de sujeitos e subjetividades, e são construídas formas de resistência. Vale ressaltar que o termo *insurgente*, que também aparece como título deste trabalho, é um desdobramento de relações de poder e resistência em Foucault, visto que, para este teórico, o poder está nas diversas microrrelações entre os sujeitos (FOUCAULT, 2004).

Catherine Walsh (2013), ao falar sobre pedagogias decoloniais, ou “pedagogias decoloniales”, busca contribuições de uma série de escritoras e escritores que discutem e têm envolvimento com os diálogos sobre insurgências e resistências. Walsh (2013) encontra em Paulo Freire e Frantz Fanon a figura de teóricos que lutam pela libertação, descolonização e humanização<sup>10</sup>. Descolonizar torna-se necessário para construção de lugares de fala e escuta, uma vez que dar voz às escritoras negras é possibilitar a construção de espaços de resistência, fazer ecoar os clamores de insubordinação ao patriarcado e lutar contra a colonialidade do saber, do poder e do ser.

Atualmente, grupos como o Círculo de Leituras Negritadas têm a iniciativa de lutar também contra a colonialidade do saber. Iniciativas que contribuem para evidenciar intelectuais potentes, mas que seus escritos podem ter sido pouco evidenciados. Temos muitas intelectuais negras que precisam ser visibilizadas por sua relevância intelectual. É importante descolonizar nossa leitura. O coletivo Círculo de Leituras Negritadas tem impulsionado a efetivação de ações, diálogos e reflexões, evidenciando os vínculos de solidariedade, respeito e irmandade.

De acordo com uma das lideranças do coletivo, “ele foi criado em maio de 2021, começamos online e depois partimos para encontros presenciais” (Leda Maria, entrevista *online* realizada em 2022). A iniciativa de criação do coletivo partiu de Leda, em um processo no qual ela ia socializando com as amigas e adicionando novas pessoas ao grupo de *WhatsApp*. Atualmente, o círculo é formado por um quantitativo de 16 mulheres, sendo que há um número menor de mulheres atuantes.

O coletivo vem desde 2021 desenvolvendo algumas ações envolvendo não apenas intelectuais pretas, mas artistas e outras profissionais de diferentes áreas. Em abril de 2022, o grupo se encontrou na casa de uma integrante para discutir o livro de Chimamanda Adiche, os “Perigos de uma história única”; já em maio do mesmo ano, o grupo reuniu para discutir o livro “Usos do Erótico: O erótico como pode”, de Audre Lorde. Os encontros costumam acontecer uma vez por mês e as ações são pensadas de acordo com datas que celebram a cultura negra.

De acordo com uma publicação no *Instagram* de 15 de julho de 2022, “[...] o Círculo de Leituras Negritadas construiu encontros onde discutimos músicas, filmes e leituras ao longo dos últimos anos [...]”. A postagem marca um ano de ações realizadas pelas integrantes do coletivo. A data é celebrada em julho, mês que marca o dia da Mulher Negra, Latina e Caribenha e, por isso, a programação foi denominada “Julho das Pretas”. De acordo com a postagem, “montamos uma programação especial como ‘Bazar Pretitudes’, Oficina de ‘Tranças e o encontro de leitura ‘Heroínas Negras Brasileiras’”<sup>11</sup>. O círculo vem construindo espaços onde mulheres pretas possam se fortalecer e se irmanar.

<sup>10</sup> A contribuição de Paulo Freire para a educação é inquestionável, mas, antes dele, havia uma constelação de intelectuais negras/os que já realizavam trabalhos de alfabetização com populações não-brancas e periféricas, tais como: Ironildes Rodrigues, Teatro Experimental do Negro, Solano Trindade, Antonieta de Barros. Ver: <https://www.blognegronicolau.com.br/2019/09/a-educacao-popular-nao-comeca-com-paulo.html>

<sup>11</sup> Trecho retirado do *Instagram* do Círculo de Leituras Negritadas. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CgC3T8tOYE1/>

As ações organizadas pelo Círculo de Leituras são geralmente realizadas no espaço do quintal da casa da Leda (uma das lideranças do grupo), um lugar amplo, contendo um palco, ideal para as ações do grupo. Porém, essas ações também ocorrem em outros espaços, na casa de outras integrantes. Uma vez que nos encontros, além de debates de obras literárias e suas intelectuais, há ações artísticas, já houve reuniões para assistir e dialogar sobre filmes, declamação de poesia, realização de bazar, exposição artísticas, participação em eventos culturais do município, atos políticos, participação em debates, minicursos, oficinas, dentre outros.

Leda Maria é arte-educadora da rede estadual e produtora cultural, ligada a outros movimentos de resistência dentro do município de Castanhal-PA. Leda atua como uma liderança dentro do grupo, contribuindo junto a outras mulheres para a construção de uma rede de afeto e resistência. Leda não se identifica como feminista, ela se reconhece dentro das teorias do mulherismo africana, uma vez que é uma teoria que consegue abarcar suas necessidades enquanto mulher preta.

Do quantitativo de 16 mulheres, citadas por Leda, que fazem parte do grupo de *WhatsApp*, além de Leda, mais 5 mulheres preencheram o questionário com perguntas relacionadas ao processo de entrada e participação no Círculo de Leituras Negritadas.

A partir desse preenchimento, foi possível construir o seguinte perfil: as mulheres que responderem o questionário possuem idades acima de 25 anos. Quanto à escolaridade: uma delas possui nível médio completo; a outra, nível superior incompleto; uma, nível superior completo; e duas, pós-graduação.

Quanto à área de atuação, o grupo conta com a participação das seguintes profissionais: arte-jornalistas, artesã (consultora, mãe e dona de casa), agente administrativo, técnica de enfermagem, e instrutora — das mulheres em questão, duas não têm filhos. Vale ressaltar que a maioria das mulheres possuem mais de um ano no grupo, ou estão desde a sua criação e não participavam de outros coletivos de leituras antes de sua entrada no círculo de leituras. Além disso, todas as mulheres do grupo se identificam como mulheres pretas.

É interessante perceber que são mulheres em formação e de formações diversificadas, mas que possuem objetivos comuns. Estas mulheres, estudantes, trabalhadoras, mães, intelectuais, artistas e “ativistas”, buscam construir vínculos de irmandade com outras mulheres e fortalecer seus objetivos enquanto mulheres pretas. Quando perguntamos sobre o principal objetivo ao adentrar o coletivo e se elas têm atingido suas expectativas, todas responderam que estão atingindo suas expectativas.

Quanto aos objetivos, recebemos as seguintes respostas: “Compartilhar experiências e aprender através da leitura” (Informante 1), “A convivência com mulheres pretas na literatura e na vida pessoal” (Informante 3), “Troca de ideias, conhecimentos, celebrar os momentos” (Informante 4) e “Conhecimento de autores negros” (Informante 5).

Nesse sentido, a partir das respostas das informantes, é notório que essas mulheres têm objetivos comuns, os quais estão ligados à construção de redes, troca de experiências, construção de resistência e o letramento racial a partir dos diálogos traçados em torno das obras selecionadas para leitura.

Em um trecho da entrevista, Leda dialoga sobre os objetivos do círculo de leituras negritadas.

[...] conseguir construir um grupo pra se encontrar, pra gente construir a ideia de coletividade, sabe, e tendo como vínculo a leitura, a leitura de mulheres pretas, pessoas negras, sabe. Que a gente começasse a construir um letramento

racial, sabe. Que a gente se perceba que essa nossa conscientização não pode só partir da parte estética, mas ela tem que ter, tem vários caminhos, e ela precisa ser fortalecida. [...] quando eu vejo a Alcilene, uma das minhas amigas, sabe que é da ASCONQ também, eu percebo o quanto o círculo de leituras tem potencializado os discursos dela, quanto tem deixado ela mais ativa, e mais imponente [...] percebido também essa conscientização maior em relação a outras integrantes também, sabe, mas eu acho que cada uma, eu acho que a gente consegue perceber uma reação, quando se trata do que é o círculo de leituras e os seus objetivos, sabe. Eu acho que quando a gente vai compartilhando, mesmo aquelas que não comparecem. Mas, tá lá a referência, tá lá os livros, tá lá os textos, que eu acho que isso é importante, tá. (Leda Maria, entrevista online realizada em 2022)

É possível perceber, a partir da fala da Leda, que o grupo tem sido preciso no fortalecimento das mulheres, ou seja, os textos indicados para socialização e os diálogos potencializados tem contribuído para fortalecimento das mulheres dentro e fora do grupo, e mesmo as mulheres que não são atuantes estão tendo a oportunidade de conhecer as escritoras negras e fortalecer seus vínculos com as outras integrantes do grupo. O letramento racial é um dos diálogos traçados pelos feminismos e outras teorias ligadas ao fortalecimento de mulheres pretas. O feminismo negro “possui uma diferença específica em face do ocidental: a solidariedade, fundada numa experiência histórica comum” (GONZALES, 2020 [1979]: 103). Os vínculos de solidariedade e irmandade têm feito a diferença nos grupos e coletivos de mulheres, contribuindo para que as mesmas se fortaleçam e construam resistências.

Falar sobre feminismo(s) é pensar em processos de libertação e refletir sobre estratégias de resistência construídas para lutar contra as opressões, porém as teorias feministas não dão suporte aos clamores e reivindicações específicas de mulheres pretas.

Dessa forma, é por não se encontrarem nessa teoria que as integrantes do Círculo de Leituras Negritadas estão se fortalecendo também dentro das teorias mulheristas africanas, especialmente pela afrocentralidade. “Encontrar nossa voz e usá-la, especialmente em atos de rebelião crítica e de resistência, afastando o medo, continua a ser uma das formas mais poderosas de mudar vidas por meio do pensamento e da prática feministas” (HOOKS, 2019: 20-21).

É importante citar que, dentre as mulheres que responderam ao questionário, quatro delas se identificam com ativismo negro, uma com o feminismo, e uma com os dois. Vale ressaltar que, quando perguntamos se elas se identificam com alguma categoria de feminismo, a maioria das mulheres que participaram da pesquisa responderam sim. Dentre as justificativas, “Tenho mais identificação com o Mulherismo Africano” (Informante 1), “Feminismo negro abordando a invisibilidade, marginalidade da mulher negra o esquecimento dessas mulheres na história e nossos corpos” (Informante 4). Nas justificativas, tivemos mulheres que citaram que se identificam com o feminismo negro e outras com o Mulherismo Africana.

O fato de que nós, mulheres negras, não nos organizamos coletivamente, em grande número, em torno das questões do “feminismo” (muitas de nós nem conhecem ou usam o termo), ou de que não tivemos acesso aos mecanismos de poder que nos permitiriam compartilhar nossas análises ou teorias sobre gênero com o público norte-americano, não negam sua presença na nossa vida e nem nos colocam em uma posição de dependência em relação às feministas brancas e não brancas que falam a um público maior. (HOOKS, 2015: 203)

Mulheres negras têm construído suas formas de resistência. O Círculo de Leituras Negritadas é a demonstração de que elas estão se juntando para se fortalecerem e, juntas, lutarem por seus objetivos comuns.

Nesse contexto, no dia 19/11/2022, o grupo realizou um novo encontro: a “Gira Novembro Negro”, depois de um pequeno tempo “paradas” devido ao período eleitoral do país, mantendo os diálogos pelo grupo de “zap” e em seus locais de atuação profissional. O convite para o encontro foi realizado via redes sociais e *WhatsApp* com o seguinte texto:

Oi meninas, tudo bem? Vivemos momentos intensos nesses últimos meses, aguardamos ansiosas o resultado das eleições, este que afeta diretamente a vivência de todas as mulheres pretas desse grupo.

Nossas reuniões deram uma pequena pausa por conta disso, mas nada mais emblemático que retornarmos no mês de novembro.

Neste mês faremos nossa “Gira Novembro Negro”. Gira significa reunião ou confraternização de espíritos, onde há troca de saberes e experiências.

Nesse encontro vamos conversar sobre o livro “Amazina - Poemas de Chuva” da autora paraense Marcilene Silva da Costa (@marciezili), o livro de poemas nos convida a refletir sobre o cotidiano e as injustiças que nos rodeiam. (Círculo de Leituras Negritadas, nov. 2022)<sup>12</sup>

Como podemos perceber, o Círculo de Leituras Negritadas tem proporcionado o acesso também a escritos de intelectuais locais e regionais pouco re-conhecidas, como Marcilene Silva Costa<sup>13</sup>, uma mulher que nasceu em Santa Isabel do Pará, mas que, atualmente, mora no Canadá. Nesse sentido, o grupo tem criado conexões que enriquecem os trabalhos de intelectuais “interioranas”, dando maior visibilidade e contribuindo para o protagonismo das mesmas. Portanto, o círculo de leituras negritadas, assim como outros coletivos negros que se propõem a criar estratégias de resistência na luta por protagonismo, estão conseguindo alcançar seus objetivos ao traçar ações voltadas ao protagonismo e construindo vínculos de solidariedade e irmandade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, nas seções anteriores, os diálogos feministas foram muito importantes para a construção e fortalecimento dos coletivos. A construção de coletivos têm sido muito relevante para trabalhar com a diversidade de sujeitos e subjetividades, pois eles têm possibilitado que suas/seus integrantes se reúnam para dialogar e trocar experiências. Os diálogos feministas e de outras teorias ligadas às lutas contra as opressões têm feito o diferencial para o processo de autoidentificação, autoafirmação e as lutas contra a colonialidade do saber e do poder. O mulherismo africana foi uma das categorias que tem contribuído para esse debate junto ao Círculo de Leituras Negritadas.

<sup>12</sup> Texto extraído do *Instagram* do círculo de leitura negritadas. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CkrcjWZtvCs/>

<sup>13</sup> Marcilene Silva da Costa é doutora em Antropologia social e histórica pela Universidade de Toulouse Jean Jaurès, França. É Mestre em Antropologia pela Universidade Federal do Pará e Bacharel em Ciências Sociais com ênfase em Antropologia pela mesma instituição. É pesquisadora associada ao Laboratório de Antropologia Social (Lisst-Cas) da Universidade de Toulouse Jean Jaurès e ao Núcleo de Estudos Xamanísticos na Amazônia (NEOXAMAM) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Texto retirado da plataforma *Lattes*. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do>

O grupo em questão tem trabalhado com ativismos e outras formas de expressão, maneiras de construir redes e fortalecer seus vínculos de solidariedade e irmandade. O coletivo ainda é novo, possui pouco mais de um ano de resistência, mas vem se fortalecendo devido o empenho de suas lideranças, que são as mulheres mais atuantes no grupo e que constroem em conjunto as estratégias de ações, reflexões e diálogos. Além disso, o grupo tem construído diálogos em torno de intelectuais e artistas negras/os, contribuindo, assim, para dar protagonismo e visibilidade às/aos mesmas/os.

Dialogar sobre este grupo foi muito importante porque contribuiu para que eu fosse além de minhas expectativas, proporcionou que eu pesquisasse sobre a teoria mulherista africana de Clenora Hudson-Weems, e, quando nos propomos a pesquisar, é isso que esperamos: conhecer o desconhecido. O estudo buscou aprofundar e dar continuidade aos estudos que venho desenvolvendo desde a graduação, sobre gênero e feminismos, visto que essas categorias têm contribuído de forma significativa para a efetivação de estudos ligados às histórias das mulheres, produção das diferenças, representação, discursos, dentre outros.

Contudo, o estudo busca evidenciar, a partir de falas individuais, reflexões coletivas sobre as ações realizadas pelo círculo de mulheres negritadas e as trajetórias das mulheres. Um espaço pequeno para escrever sobre algo grandioso.

Assim, neste estudo de “ação dialógica” (FREIRE, 2020), minha pretensão não foi produzir verdades absolutas, ou construir estigmas sobre as integrantes do coletivo em questão, mas refletir sobre as ações do grupo e suas integrantes.

Portanto, na posição de mulher negra, feminista, professora e pesquisadora das linhas de gênero feminismos e história das mulheres, intenciono, a partir desse trabalho, proporcionar a construção de novos diálogos sobre a temática e construir novas reflexões neste campo teórico.

## REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda. 2019. *O perigo de uma única história*. Tradução Júlia Romeu. 1 ed. São Paulo. Companhia das Letras.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. 2017. *Para educar crianças feministas*. Tradução Denese Bottmann. Companhia das Letras.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. 2015. *Sejamos todas feministas*. Tradução: Christina Baum. Companhia das Letras.

- AKOTIRENE, Carla. 2019. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén.
- CARNEIRO, Sueli. 2003. *Mulheres em movimento*. Estudos avançados. 17 (49).
- CHIZZOTTI, Antônio. 2003. *Pesquisa em Ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez.
- COLLINS, Patrícia Hill. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 2019. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. – 1. Ed. – São Paulo: Boitempo.
- CRENSHAW, Kimberlé. 2002. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista de estudos feministas*, v. 10, n. 1. 171-188.
- DOVE, Nah. Maio de 1998. Mulherisma africana: uma teoria afrocentrada. In: *JORNAL DE ESTUDOS NEGROS*, Vol. 28, Nº 5, 515-539, 1998. Sage Publications, Inc.
- FARIAS, Eny Kleyde Vasconcelos. 2010. *Maria Felipa de Oliveira, heroína da independência da Bahia*. Salvador: Quarteto.
- FELIPE, Jane. Entre tias e tiazinhas: pedagogias culturais em circulação. In: SILVA, Luiz Heron da (org.). *Século XXI: qual conhecimento? Qual currículo?* Pp 167-179. Petrópolis; Vozes, 1999.
- FERNANDES, Danubia de Andrade. O gênero negro: apontamentos sobre gênero, feminismo e negritude. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 24 (3): 398, setembro/dezembro/2016.
- FINCH III, Charles S; NASCIMENTO, Elisa Larkin. Abordagem afrocentrada: história e evolução. In: *Afrocentalidade: uma abordagem epistemológica inovadora*, pp 37-70. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- FOUCAULT, Michael. *História da Sexualidade I, A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michael. *Microfísica do Poder*. 29ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. -72. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2020.
- GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis, Rj: Vozes, 2017.
- GONZALES, Lélia. Organização: Flavia Rios e Márcia Lima. *Por um feminismo afro latino americano: ensaios, intervenções e diálogos*. 1ª ed. -Rio de Janeiro: Zahar, 2020 [1979].
- GONZALES, Lélia; RATTIS, Alex; RIOS, Flavia. *Relatos do Brasil negro*. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- HOOKS, Bell. Intelectuais negras. *Estudos feministas*. N. 2, Ano 3, 2º Semestre, 1995.
- HOOKS, Bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. In: *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº16. Brasília, janeiro, 193-210, Abril de 2015.
- HOOKS, Bell. Tradução Ana Luiza Libânio. *O feminismo nosso é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.
- HOOKS, Bell. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Elefante, 2019.
- HUDSON-WEEMS, Cleonora. *Mulherismo Africana: Uma Visão Geral*. Versão digital, 2018. Disponível em: <<https://insurreicaocgpp.blogspot.com/2018/06/mulherismo-africana-uma-visao-geral.html>> Acesso em 25 de abril de 2023.
- KILOMBA, Grada. Tradução Jess Oliveira. 2019. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Cobogó.
- MIGLIORIN, Cezar. *O que é um coletivo*. Teia-2002/2012. Belo Horizonte: Teia, 2012.



NASCIMENTO, Elisa Larkin. Notas básicas para leitura deste volume. In: *Afrocentralidade: uma abordagem epistemológica inovadora*, pág. 37-70. São Paulo: Selo Negro, 2009.

OYĚWÙMÍ, Oyèronké. Conceituando gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*, pág. 84 – 95. -1. ed. -Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

OYĚWÙMÍ, Oyèronké. Tradução: Wanderson flor do Nascimento. *A invenção das mulheres: construindo um sentido para os discursos africanos ocidentais de gênero*. -1. Ed. – Rio de Janeiro. Bazar do tempo, 2021.

PERROT, Michelle. 2017. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Tradução, Denise Bottmann 7ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala? (Feminismos Plurais)*. Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.

RIBEIRO, Katiúscia. Mulherismo Africana: Proposta emancipadora. *Portal Geledes*. 2021. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/katiuscia-ribeiro-explica-o-mulherismo-africana-proposta-emancipadora/>

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, (Coleção polêmica), 1987.

SANTOS, Maria do Carmo Rebouças da Cruz Ferreira dos. Lélia Gonzalez: a amefricanidade como contributo para a construção de uma nova epistemologia. In: *Revista Espaço Acadêmico*. – n. 225. -nov./dez, 2020.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, n° 2, jul./dez, p. 71-99, 1995.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o Subalterno Falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo horizonte: Editora UFMG, 2010.

WALSH, Catherine (Ed.). *Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.

